

PAULO FREIRE E A CULTURA CAIÇARA: A AMOROSIDADE NO “CERCO DE SABERES”

YAMASAKI, Alice Akemi¹ – UFF – aayamasaki@id.uff.br

SOUZA, Vanessa Marcondes de² – UFRJ – vanessamarcondes@gmail.com

MONGE, Ricardo “Papu” Martins³ – UFF – papu.ecuador@gmail.com

RESUMO: O projeto “Cercos de Saberes: construindo a Escola da praia de Martin de Sá” é destinado à promoção de atividades diversificadas que contribuam com o processo de alfabetização e de letramento de crianças e adolescentes caiçaras. A comunidade escolhida é a que habita, há várias gerações, o território correspondente à Reserva Ecológica da Juatinga, localizada em Paraty, RJ, Brasil. Apresenta o relato da experiência sobre um projeto de extensão universitária que busca valorizar os saberes caiçaras e promover a emancipação frente a diferenciados movimentos excludentes que tornam essas comunidades tradicionais brasileiras vulneráveis e excluídas do atual modelo de desenvolvimento social. Com a preocupação de atender à demanda apresentada pela comunidade caiçara no desenvolvimento de um currículo diferenciado, inclui círculos de cultura de processos alfabetizadores e de letramento. As atividades da Escola da Praia de Martin de Sá envolvem interação dialógica entre educadores e educandos caiçaras, incluindo atividades de leitura de mundo, produção escrita e pesquisas em campo. O processo de alfabetização apoia-se na valorização da identidade caiçara, a começar da reflexão sobre o nome das crianças e suas famílias e do reconhecimento da diversidade ecológica do lugar que habitam há gerações; o letramento desenvolve-se a partir do fortalecimento da leitura de mundo caiçara, estimulando a escrita a partir dos saberes sobre o mar e a natureza apresentados pelas crianças. Entre outros elementos, destacamos a amorosidade entre caiçaras, educadores e educandos como fator essencial para mobilização da equipe e colaboradores no enfrentamento às adversidades que vem impedindo a instalação de uma escola oficial.

Palavras-chave: educação caiçara, educação emancipatória; saberes caiçaras;

¹ Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil), coordenadora do projeto de extensão “Cercos de Saberes: construindo a Escola da praia de Martin de Sá”

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil), coordenadora adjunta do projeto de extensão “Cercos de Saberes: construindo a Escola da praia de Martin de Sá”

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil), coordenador adjunto do projeto de extensão “Cercos de Saberes: construindo a Escola da praia de Martin de Sá”

E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou à sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. (PAULO FREIRE, 1996, p. 91)

A região atendida pelo projeto de extensão universitária “Cercos de Saberes: construindo a Escola da praia de Martim de Sá” faz parte da Península da Juatinga, no município de Paraty/RJ, e abriga diversos núcleos de moradores caiçaras. “Seu lugar” são as comunidades de Martim de Sá, Rombuda, Saco das Anchovas e Cairuçu das Pedras e localizam-se na porção sul da península da Juatinga, em Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. Estas comunidades caiçaras são as mais isoladas do centro urbano mais próximo, a cidade de Paraty, com acesso exclusivo por via marítima e/ou trilhas acidentadas e íngremes em meio à floresta, não há acesso por rodovias. A justificativa para desenvolvimento da presente experiência decorre do fato de que há quase dez anos parte da equipe (MONGE, 2008, 2012 e 2013) vem interagido diretamente com o “lugar” onde vivem os caiçaras: inicialmente, reconheceu-se a relação de amorosidade dos sujeitos caiçaras com a natureza, sua interação respeitosa com a ambiência do mar e das matas; posteriormente, em estudo sistemático sobre a pesca com o cerco flutuante (MONGE, 2008) e sobre a ocupação da Família dos Remédios na Reserva Ecológica da Juatinga - REJ (MONGE, 2012), identificaram-se diversos saberes e fazeres caiçaras. Na interação intensa de pesquisa participante, a Família dos Remédios expressou a preocupação com o futuro das novas gerações diante dos mecanismos excludentes que estavam cada vez mais evidentes na relação dos caiçaras com o poder econômico estabelecido na cidade de Paraty. Uma das alternativas que poderia proteger as novas gerações estava na promoção de uma educação que respeitasse e valorizasse a cultura caiçara. Sem apoio formal do poder público local, foi um estudo acadêmico prévio (MONGE, 2013) sobre um sistema de complexo curricular (PISTRAK, 1981), apoiado no trabalho caiçara, com vários encontros e diálogos realizados com a comunidade de adultos e de crianças, sempre recheados de um profundo respeito e de uma amorosidade por Martim de Sá, que justificou a apresentação deste projeto de extensão universitária.

Outro aspecto que justifica a realização do projeto de extensão relaciona-se ao fato de, nas últimas décadas, os moradores terem encontrado uma série de dificuldades e conflitos que ameaçam a sua permanência no local e a preservação da cultura caiçara,

especialmente relacionados à especulação imobiliária e à promoção de atividades turísticas depredatórias e desrespeitosas aos moradores e à preservação do ambiente local. Apesar de não ter alcançado diretamente os núcleos de moradores da Reserva Estadual da Juatinga (REJ), a construção da estrada Rio-Santos na década de 1970 e as transformações socioeconômicas na região passaram a impactar de modo acelerado as tradições caiçaras com a chegada do turismo ecológico, da urbanização do litoral de Paraty, da especulação imobiliária, da grilagem de terras e das novas regras das unidades de conservação ambientais. Os caiçaras dessa região sul da península da Juatinga enfrentam também a falta de serviços essenciais como escolas, postos de saúde, coleta de lixo e acesso a energia elétrica. As comunidades do Sono, da Praia Grande e de Martim de Sá, por exemplo, passaram a sofrer com ações judiciais de despejo. Historicamente, na década de 1950, na Praia Grande, havia mais de 200 habitantes; hoje (2014) vivem duas famílias. A maioria da comunidade adulta caiçara remanescente é, ainda hoje, não-letrada; nunca tiveram acesso à educação formal, sendo pessoas não alfabetizadas.

A reivindicação de “ser caiçara” é usada pelo próprio habitante do litoral, numa atitude de reconstrução e de fortalecimento de sua identidade cultural (VIANNA, 2008). O “ser caiçara” refere-se ao fato de ser “nascido e criado” no “lugar”: as atividades que realizam, o modo de falar, a alimentação e ainda a descendência indígena e a conservação da natureza (MONGE, 2012). A Família dos Remédios, cujo patriarca é o Sr. Maneco, é grupo tradicional e está no “seu lugar” há pelo menos seis gerações, havendo quatro delas vivas. Como ressaltado por Silva (2004), mar e terra constituem referencial único, indivisível para o caiçara, base sobre a qual se assenta seu modo de vida, sua tradição cultural. A Família dos Remédios consorcia diversas atividades e estratégias, com práticas de coleta no mar e em terra de baixo impacto ambiental e possuem uma vasta gama de conhecimentos associados às atividades que realizam intimamente ligados à biodiversidade. Dentre os conhecimentos sobre a floresta, é possível identificar saberes sobre o uso de ervas medicinais, cascas de árvores uteis para a impermeabilização das redes de pesca e o manejo de cipós para o artesanato. Possuem também conhecimentos relacionados à tradição da roça, que em um passado não distante era a principal atividade de subsistência (MONGE, 2012). Sobre o mar, possuem diversos saberes sobre a pesca, a construção de embarcações e seu deslocamento em alto mar. Com relação à pesca, dominam seus vários tipos, reconhecem o comportamento dos peixes e identificam os pesqueiros mais adequados

para cada tipo de coleta. Sobre a construção de embarcações, acumulam saberes sobre a confecção da canoa retirada de tronco único, típica na região; além disso, tem associado o manuseio de motores de barco, fazendo a manutenção dos mesmos. Sobre o deslocamento em alto mar, reconhecem as condições de navegabilidade, sua relação com as fases da lua e com as condições climáticas. Finalmente, apropriaram-se da confecção do cerco flutuante, uma arte de pesca de baixo impacto ambiental, na qual toda a família participa, sejam homens, mulheres e crianças.

Considerando que a pesca com o cerco flutuante é uma das principais atividades desta região e que os saberes exigidos, para a sua construção e manuseio, entre os vários membros da família caiçara alcançaram hoje um significativo papel na construção da identidade caiçara da Juatinga, nomeou-se o presente projeto de extensão universitária como “Cerco de Saberes”. Este reconhece a existência de saberes sobre o mar e sobre a floresta das comunidades tradicionais caiçaras e, em seu objetivo geral, busca valorizar tais conhecimentos promovendo uma educação emancipatória, que permita enfrentar os diferenciados movimentos excludentes que tornam essas comunidades tradicionais brasileiras vulneráveis e marginalizadas no atual modelo de desenvolvimento social. Os objetivos específicos do projeto de extensão buscam contribuir com a comunidade caiçara da Península da Juatinga no fortalecimento e afirmação de seus saberes e de sua cultura local, ao promover um processo alfabetizador que considere a diversidade humana e ambiental, introduzindo o universo de letramento em sintonia com os saberes da cultura caiçara. É possível também afirmar que o sistema de complexos caiçara (PISTRAK, 1981) aborda temas que trazem conhecimentos científicos e sócio-histórico-ambientais que, com o apoio da leitura e da escrita, evidenciam a leitura e os saberes caiçaras sobre a roça, o pescar, o caçar, uso e conserto de barco e de motor de barco, construção e uso de canoa. Diante também da realidade conflituosa em que estes caiçaras vivem para a permanência no “seu lugar” é importante que a educação e o processo alfabetizador contemple conhecimentos sobre as questões socioambientais e as questões fundiárias do país.

Entre os princípios e procedimentos adotados para formulação do projeto de extensão, encontra-se a realização de encontros dialógicos entre educadores, pais e outros membros da Família dos Remédios. Tais diálogos, além de operacionalizar a “escola”, torna viável construir um outro mundo possível, encorajando caiçaras a buscar e a exigir seus direitos e desejos de acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na

sociedade, bem como exercer seus deveres de forma consciente. Ainda como parte dos procedimentos, para materializar a “Escola da praia de Martin de Sá”, diferentes sujeitos que circulam pela REJ foram envolvidos, o que mobilizou e viabilizou a produção da arte de camisetas e de materiais didáticos, além de garantir a arrecadação de livros e de materiais necessários ao trabalho pedagógico da escola diferenciada. Da parte dos caiçaras adultos, contou-se com o transporte dos educadores e com o apoio logístico para alojamento e alimentação.

Os resultados alcançados trazem uma escola instalada na Casa de Farinha de Martin de Sá, construída pelo Sr. Maneco e seus familiares caiçaras. O início das atividades de alfabetização e de letramento demonstrou a rede solidária existente com a REJ e com a Família dos Remédios e a amorosidade afirmada por Paulo Freire (1996, p. 75):

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

As atividades da Escola da Praia de Martin de Sá ocorrem em círculos de cultura, com interação dialógica entre educadores e educandos caiçaras, com pesquisas em campo como parte das atividades curriculares. O processo de alfabetização apoia-se na valorização da identidade caiçara, a começar da reflexão sobre o nome das crianças e da própria família e do lugar que habitam há gerações; o letramento desenvolve-se a partir do fortalecimento da leitura de mundo caiçara, estimulando a escrita a partir dos saberes apresentados pelas crianças. Ainda apoiado nos saberes caiçaras sobre a pesca, confeccionamos um varal com o “alfabeto caiçara”: como exemplo, na letra Z do abecedário temos o *zangareio* que é um anzol/isca utilizado para a pesca de lula. A inspiração para enfrentar as adversidades na instalação de uma escola em Martin de Sá apoia-se em Paulo Freire (1996: p. 04), que afirma:

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.

Através de uma educação amorosamente progressista, que leva em consideração a cultura caiçara e os conflitos existentes na região, o processo de educação libertadora freiriana pode vir a contribuir para o desenvolvimento territorial e a inclusão social, uma vez que a comunidade é fortalecida em seus saberes com os novos conhecimentos adquiridos sobre a escrita e a leitura.

REFERENCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

MONGE. Ricardo “Papu” Martins. *Pesca com rede de cerco flutuante na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), município de Paraty/RJ*. Niterói, 2008. 92 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. “Nascido e criado”: a ocupação tradicional da Família dos Remédios, uma comunidade “caiçara” – Península da Juatinga, município de Paraty/RJ. Niterói, 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

_____. *Pensando a escola na comunidade caiçara de Martim de Sá, Península da Juatinga, município de Paraty/RJ*. 2013. 63p. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas), Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2013.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 170p.

SILVA, Luiz Geraldo. *Da terra ao mar: por uma etnografia histórica do mundo caiçara*. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/CEC/USP, 2004. 382 p. v. 1, p. 49-69.

VIANNA, Lucila Pinsard. *De invisíveis a Protagonistas: populações tradicionais e*